

Jacques Pilon: modernismo e mercado imobiliário

Marina Rosenfeld Sznelwar¹
Orientadora: Profa. Dra. Joana Mello
Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre 2008-2009 com financiamento do Núcleo de Pesquisa da Escola da Cidade

O objeto da pesquisa aqui apresentada foi estudar a obra do arquiteto francês Jacques Émile Paul Pilon (1905-1962) em São Paulo (1934-1962), inicialmente desenvolvida com o engenheiro civil Francisco Matarazzo Neto (1910-1980) e, a partir de 1940, com a colaboração de outros arquitetos, entre eles os alemães Herbert Dushenes (1914-2003) e Adolf Franz Heep (1902-1978), o italiano Gian Carlo Gasperini (1926-) e o brasileiro Jerônimo Bonilha Esteves (1933-). A pesquisa investigou a contribuição do arquiteto e de seus escritórios para a construção de São Paulo em um período em que a cidade passava por um intenso processo de metropolização. Para tanto, buscou-se debater a sua participação nas discussões acerca da arquitetura moderna e a sua atuação no mercado imobiliário que então se estruturava em bases empresariais. A pesquisa esteve vinculada ao projeto temático desenvolvido junto à *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo* (FAU-USP), São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade, com apoio da FAPESP, que teve como proposta estudar a cidade e seus processos de transformação física, demográfica, social e cultural a partir do final do século XIX, através da análise da presença dos estrangeiros e de sua produção na cidade.

Palavra-chave:

Jacques Pilon, São Paulo, estrangeiros

Jacques Pilon: modernism and the real estate market

The object of the research presented here was to study the work of the french architect Jacques Émile Paul Pilon (1905-1962) in São Paulo (1934-1962), initially developed with the civil engineer Francisco Matarazzo Neto (1910-1980) and, from 1940 on, in collaboration with other architects, among them the germans Herbert Dushenes (1914-2003) and Adolf Franz Heep (1902-1978), the italian Gian Carlo Gasperini (1926-) and the brazilian Jerônimo Bonilha Edwards (1933-). The research investigated the contribution of the architect and its offices for the construction of São Paulo in a period when the city went through an intense process of metropolization. Therefore, the research tried to understand their participation in the discussions concerning modern architecture and his role in the process of a structuring real estate market. The research was linked to the thematic project developed at the *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo* (FAU-USP), São Paulo: foreigners and the construction of the city, with the support of FAPESP, whose proposal was to study the city and its physical, social, cultural and demographic transformation processes from the late 19th century on, through the analysis of the presence of foreigners and their role in the production of the city.

Keyword:

Jacques Pilon, São Paulo, foreigner

Jacques Pilon: modernismo y el mercado inmobiliario

El objeto de la investigación que presentamos fue estudiar la obra del arquitecto francés Jacques Émile Paul Pilon (1905-1962) en São Paulo (1934-1962), desarrollado inicialmente con el ingeniero civil Francisco Matarazzo Neto (1910-1980) y, a partir de 1940, en colaboración con otros arquitectos, entre ellos los alemanes Herbert Dushenes (1914-2003) y Adolf Franz Heep (1902-1978), el italiano Gian Carlo Gasperini (1926-) y el brasileño Jerônimo Bonilha Edwards (1933-). La investigación investigó la contribución del arquitecto y sus oficinas para la construcción de Sao Paulo en una época cuando la ciudad pasó por un intenso proceso de metropolización. Con ese objetivo, se buscó discutir su participación en las discusiones sobre la arquitectura moderna y su papel en el mercado inmobiliario en estructuración. La búsqueda estuvo relacionada con el proyecto temático desarrollado en la *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo* (FAU-USP), São Paulo: los extranjeros y la construcción de la ciudad, con el apoyo de la FAPESP, cuya propuesta fue el estudio de la ciudad y su transformación física, social, cultural y demográfico a partir de finales del siglo XIX, a través del análisis de la presencia de los extranjeros y su papel en la producción de la ciudad.

Palabras-clave:

Jacques Pilon, São Paulo, extranjeros

1. Introdução

Jacques Pilon faz parte de um conjunto de arquitetos estrangeiros que vieram a São Paulo a partir da década de 1930 e colaboraram através de sua atuação no mercado imobiliário para a construção da cidade. Entre esses arquitetos estavam Lucjan Korngold (1897-1963) (FALBEL, 2003), Giancarlo Palanti (1906-1977) (SANCHES, 2004), Gregori Warchavchik (1896-1972) (LIRA, 2008; FARIAS, 1990; FERRAZ, 1965), Bernard Rudofsky (1905-1988) (GUARNIERI, 2003), Francisco Beck (1901-1990), Daniele Calabi (1906-1964) (ZUCCONI, 1992).

Ao contrário dos arquitetos citados que mereceram cuidadosos estudos sobre sua formação na Europa e atuação naquele continente e no Brasil, o trabalho de Pilon e os projetos desenvolvidos em seus escritórios, permaneciam menos estudados. Uma questão que problematiza o lugar de Pilon na bibliografia é o fato do projeto da Biblioteca Mário de Andrade fazer parte da exposição *Brazil Builds* realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York em 1942² e não fazer mais parte do livro do Mindlin, o que significa uma seleção clara do que era considerado moderno antes e depois da exposição. Isso talvez explique o fato de sua obra não ser mais valorizada, sendo pouco investigada e quando analisada sempre com ressalvas.

Retratado por Carlos Lemos como um homem pragmático, que olhava atentamente para as conveniências financeiras ou econômicas de seus empreendimentos e se dedicava quase que exclusivamente à construção de edifícios comerciais e residenciais no centro de São Paulo, Pilon atenderia de “modo pouco crítico e criativo às demandas do mercado imobiliário” (LEMOS, 1983, p.4). Talvez por isso a sua obra não tenha merecido a mesma atenção que a dos arquitetos acima mencionados. Contudo, Ilda Castello Branco (2002), afirma que Pilon contribuiu para a difusão de certos preceitos da arquitetura moderna na cidade, como a racionalização do projeto, a partir da compactação e funcionalidade dos ambientes, da padronização de elementos construtivos e da relação estreita com métodos racionalizados de construção. Por isso, a autora considera importante estudar a sua obra, ainda que tenha privilegiado a obra construída até os anos 1940 (BRANCO, 2002). Diante disso,

a pesquisa desenvolvida se propunha a estudar a produção de Jacques Pilon em São Paulo de 1934, quando se estabelece na cidade e abre a Construtora Pilon & Matarazzo Ltda - Arquitetos, Engenheiros e Construtores (PILMAT) a 1962, quando vem a falecer. Durante todos esses anos Pilon contribuiu para a construção da cidade de São Paulo com diferentes parceiros e produziu por volta de 300 projetos a maior parte deles em São Paulo. Mas Pilon também construiu em Bauru, Belo Horizonte, Catanduva, Guarujá, Jundiaí, Maringá, Piracicaba, Pelotas, Poços de Cauda, Rio de Janeiro, Santos, São Bernardo, São Vicente, Tatuí e Taubaté³.

Da mesma forma que não se investigou ainda a produção completa de Pilon, pouco se questionou também, com exceção de Adolf Franz Heep (BARBOSA, 2002), a exata contribuição de cada um dos arquitetos que trabalharam para os escritórios do arquiteto. É possível perceber, contudo, uma mudança em sua produção que coincide com o período de colaboração de cada um dos arquitetos, como mostraremos a seguir. Para compreender melhor sua obra dividimos sua produção em três fases, que não são consideradas rupturas porque tem questões comuns, mas que indicam algumas características específicas que permitem essa divisão.

Na pesquisa aqui apresentada, a obra de Pilon não interessou apenas por sua relação com a arquitetura moderna. Isso porque acredita-se que a partir de sua produção seria possível recuperar também a história da construção de São Paulo num período de grandes transformações arquitetônicas e urbanísticas, assim como a inserção e a contribuição do estrangeiro nessa construção, tal como proposto pelo grupo temático ao qual se vinculou este trabalho. Dessa forma, a partir do olhar e compreensão dos projetos de Pilon, pretende-se estudar como a cidade foi pensada e construída no período, e como os arquitetos estrangeiros colaboraram para isso, tomando como guia os edifícios de habitação, os quais tiveram uma importância destacada durante o período de atuação dos escritórios de Jacques Pilon.

Para a realização da pesquisa foram buscadas diversas fontes. As primeiras consultadas foram as fontes secundárias ou bibliográficas a partir das quais realizamos uma revisão dos temas relativos à pesquisa: sobre o arquiteto

Jacques Pilon e sua obra; sobre os arquitetos estrangeiros que contribuíram para o processo de metropolização de São Paulo; sobre a relação dos arquitetos com o mercado imobiliário; sobre a cidade e os processos de verticalização e de metropolização em curso no período.

2. Jacques Pilon e as diferentes fases do escritório

Jacques Pilon nasceu em Le Havre, na França, em 1905. Chegou ao Brasil em 1914, aos cinco anos de idade. Seu pai, Émile Pilon, era diretor do Porto de Le Havre, o maior importador do café brasileiro naquele período. Quando estourou a Primeira Guerra Mundial ele estava no Brasil, sendo nomeado interventor dos negócios franceses no país, onde permaneceu. Passou a trabalhar como interventor dos negócios franceses e foi morar em São Paulo – toda a família se mudou para o Brasil até o final da Guerra.

Pilon retornou à França em 1919 para estudar na École Nationale Supérieure de Beaux-Arts de Paris, onde se formou em 1932⁴. Também se formou na faculdade de direito de Paris e fez a escola Militar em Sancerre. Ainda se sabe pouco sobre o período em que viveu em Paris, sobre a sua formação e sobre os seus professores. Recém-formado, em 1933 Pilon retornou ao Brasil, trabalhando inicialmente na construtora do arquiteto escocês Robert R. Prentice, sócio do austríaco Anton Floderer, no Rio de Janeiro. Em 1934, Pilon se transferiu para São Paulo para acompanhar a obra do Edifício da Sul América de Capitalizações - Sulacap (1933-1934), concebido por Prentice.

O edifício trouxe referências da arquitetura comercial norte americana para a cidade e, segundo Ilda Castello Branco, foi considerado um modelo de edifício de escritório de alto padrão (BRANCO, 2002, p.56). Porém, segundo Paulo Ormino de Azevedo (2007), na década de 1930 circulavam revistas e arquitetos de formação alemã que influenciavam na arquitetura brasileira, assim como a atuação de profissionais germânicos que estavam com grande presença no mercado. Desta forma é possível dizer que as referências alemãs também estavam presentes no Edifício Sulacap, suas fachadas lisas e as janelas de canto. Prentice desenhou este edifício com a entrada na esquina, arremates curvos, janelas

com ritmo bem marcado, espaços de trabalho e de circulação amplos, preocupou-se com a boa iluminação e ventilação dos espaços e com a segurança das instalações elétricas, hidráulicas e contra incêndio. O primeiro pavimento abrigava os conjuntos comerciais e os demais pavimentos as salas de escritórios, adotando-se uma solução que se popularizou na área central⁵.

Neste mesmo ano, Pilon associou-se ao engenheiro brasileiro Francisco Matarazzo Neto para fundar a construtora PILMAT, em São Paulo. É possível afirmar que a sociedade dá início a primeira fase de sua produção (1934-1948) (MELLO, 2008). Esta primeira fase do escritório englobou tanto os projetos da PILMAT como o período em que Dushenes era chefe do escritório individual de Jacques Pilon.

Na PILMAT foram desenvolvidos edifícios públicos, residenciais, mas em sua maioria comerciais, que eram muitas vezes empreendimentos individuais destinados ao aluguel⁶. A empresa participou também de concursos de grandes obras públicas, como os realizados para o Viaduto do Chá (1934) e para o Viaduto General Olímpio da Silveira (sobre a avenida Pacaembu). No primeiro concurso o projeto apresentado pela PILMAT foi classificado em terceiro lugar, enquanto no segundo a empresa saiu vencedora, o projeto sendo fielmente executado.

As obras deste período estão relacionadas à experiência com Prentice e às obras do Sulacap a primeira encomenda da PILMAT em São Paulo. O projeto teve repercussão no desenvolvimento futuro do escritório, especialmente na produção para o mercado imobiliário, isso pode ser notado nas características dos edifícios comerciais, e em certa medida residenciais como o edifício Santo André (1935) localizado na Avenida Angélica esquina com a rua Piauí.

Notadamente os edifícios construídos na rua Marconi, também ilustram a influência do Edifício Sulacap. Por exemplo o edifício São Manoel, assemelha-se na volumetria que acompanha o traçado da esquina, janelas de canto, as linhas da marquise, o ritmo e proporção das aberturas, mas, sobretudo, na composição da fachada, lisa, com marcação das linhas horizontais. Essas características também estão presentes em outros edifícios construídos na mesma rua, como o Edifício Ângela Loureiro (1938-1940) do Escritório Técnico Ramos de Azevedo Severo - Villares Cia. Ltda e o

Santa Leonor (1938-1940) projetado pelo arquiteto Otávio Lotufo e construído pela construtora Richter & Lotufo Ltda. Todos os edifícios foram construídos em concreto armado, uma tecnologia que nos anos 1930 se tornou mais comum, alguns deles, como o edifício Sulacap, marcado também por uma geometrização e abstração, que podem ser identificadas como uma tendência “moderna” (PINHEIRO, 1997). Esta maneira de construir atendia a um dos principais anseios de Pilon: a racionalização e economia da construção, algo que se revelava do ponto de vista estético na simplificação da arquitetura, na adoção de elementos construtivos modulados e de simetria, no emprego de soluções que facilitavam a execução do edifício e de sua estrutura em concreto armado. Se, como aponta Joana Mello (2008), a preocupação com a economia e racionalização da construção era presente na obra de Pilon no período, essa mesma preocupação não acarretou nesse primeiro momento, uma mudança no seu modo de conceber os projetos, que ainda continuavam vinculados ao academicismo (MELLO, 2008).

Dos edifícios concebidos por Pilon na PILMAT a sua obra mais conhecida é a Biblioteca Mário de Andrade (1935). A biblioteca segue as mesmas características dos edifícios anteriores, principalmente a ausência de ornamentação, a marcação das linhas horizontais, a orientação clássica da composição, a harmonia de proporções entre cheios e vazios, a impressão de solidez e a capacidade de desenvolver um programa complexo, que abriga funções diversas. O projeto saudado pelos periódicos nacionais, faz parte também da famosa exposição Brazil Builds (GOODWIN, 1943, p.135).

Pode se dizer que existiam dois grupos de edifícios, primeiramente os relacionados ao Sulacap como foi mostrado anteriormente, mas também os edifícios semelhantes à Biblioteca Municipal Mario de Andrade, que era mais clássico tanto nas plantas como na organização do programa. Há ainda um grupo de projetos ecléticos formado por residências unifamiliares e edifícios residenciais, como o São Luís. Se nos edifícios de escritórios Pilon adotava como partido geral a simplificação dos elementos arquitetônicos, preocupado com os custos e a rapidez da construção, nas residenciais unifamiliares e edifícios residenciais, a grande preocupação de Pilon, era com o sentimento das famílias, que solicitavam certo estilo e o arquiteto projetava (BRANCO, 2002).

De fato, analisando o projeto para o edifício São Luiz no acervo da FAUUSP, verificamos que havia outras propostas para as fachadas, que eram ora mais ornamentadas e ora mais desprovidas de ornamentos, próximas da linguagem moderna ou art déco. Dessa forma, diferentemente dos edifícios comerciais, que eram destinados à aplicação de um capital e para um público mais diversificado, os edifícios residências e as residências unifamiliares parecem estar mais ligadas às ideias saudosistas dos seus proprietários (BRANCO, 2002).

Pilon atuou na PILMAT até junho de 1940, ao contrário do que fora afirmado pela bibliografia para quem a parceria tinha se encerrado em 1939. Segundo o filho mais velho do arquiteto, a sociedade terminou por conta da invasão da Alemanha à França durante a Segunda Guerra Mundial. No ano seguinte, Pilon abriu um novo escritório de projetos e construção próprio chamado *Jacques Pilon, arquitetura e construção*, onde atuaram como chefes de escritórios Herbert Dushenes, Franz Heep, Gian Carlo Gasperini e Jerônimo Bonilha, além de outros desenhistas estrangeiros cujos nomes não foi possível levantar.

Dushenes nasceu em Hamburgo na Alemanha e estudou na *Technischen Hochschulen* de Praga⁷ até 1939, quando abandonou os estudos seis meses antes de se formar. Junto com outro irmão, Dushenes decidiu emigrar diante do avanço nazista, fugindo para a Hungria, passando pela Itália e até chegar na Suíça, e com sua família, foram para a Inglaterra e então para o Brasil. Em entrevista a Joana Mello, o arquiteto Gian Carlo Gasperini, afirmou que quando entrou no escritório em 1951, Dushenes já tinha saído, mas sabia que ele era o responsável pelos projetos neoclássicos do Pilon, que eram de alta qualidade.⁸

Então esta primeira fase do escritório do Jacques Pilon se configura primeiramente pelos trabalhos realizados pela PILMAT, e posteriormente com Dushenes como chefe de projetos. É possível perceber que a maioria dos projetos são de edifícios comerciais, e fazem parte de um momento mais conservador do escritório, uma atitude mais vinculada à academia que aparece na composição geral dos edifícios. Porém não havia uma única forma de projetar, foram feitos edifícios com características modernas como o Edifício Sulacap, clássicas como a Biblioteca Mario de Andrade e

ecléticas como a identificada no Edifício São Luis.

O arquiteto Heep trabalhou no escritório de Pilon entre 1947 e 1950, modificando, segundo Barbosa (2002), de maneira decisiva a produção de Pilon ao impor o abandono das características acadêmicas do início da carreira em favor da arquitetura moderna. Ainda segundo o mesmo autor, Heep deu leveza e movimento às obras de Pilon através da volumetria recortada e sinuosa, do jogo entre simetria e assimetria, dos *brises-soleil*, dos elementos vazados, das venezianas e das varandas, características que definem os edifícios d'O Estado de S. Paulo (1948-1953) e da Casa da França (1950) (BARBOSA, 2002). Neste novo contexto, é possível perceber uma alteração tão significativa em sua produção arquitetônica, que uma nova fase se inicia. Nesta segunda fase (1948-1958) a chefia do escritório passa de Dushenes para o Heep. Além disso, a cidade e os investimentos imobiliários passavam por grandes mudanças.

Em 1942, é promulgada pelo governo federal a Lei do Inquilinato, que congelava por tempo indeterminado os aluguéis, tornando o investimento no mercado rentista, característico da primeira fase do escritório, desinteressante. Influenciado por esta lei, pela intensa urbanização, pela expansão das classes médias e pelo aumento do crédito imobiliário, o mercado imobiliário altera sensivelmente o seu tipo de investimento (SOUZA, 1994). O mercado imobiliário deixa, então, de investir prioritariamente em edifícios comerciais destinados ao aluguel, para investir no mercado de compra e venda de edifícios residenciais, construídos em sua grande maioria no centro novo e expandido. As classes médias são o principal alvo desse mercado imobiliário que, em virtude da restrita capacidade de compra dessa camada da sociedade, investe inicialmente em pequenos apartamentos, inspirados nos hotéis norte-americanos, conhecidos por quitinetes. As quitinetes garantiam aos membros da classe média o acesso a moradia no centro, ou seja, em áreas providas de toda a infra-estrutura urbana e onde se concentravam os empregos da cidade. A colaboração de Heep ocorre prioritariamente nesse momento (1948-1951), o arquiteto alemão se destacou pela qualidade dos edifícios que concebeu na cidade.

Segundo Barbosa (2002, p.178), Heep estava totalmente afinado com os ideais da arquitetura funcionalista dos anos

de 1920 e 1930, época de sua formação em Frankfurt, com professores como Walter Gropius e Adolf Meyer, chegando a colaborar com Meyer no departamento Municipal de construções de Frankfurt Am Main de 1926 a 1928, portanto sofrendo a influência das experiências habitacionais desenvolvidas por Ernest May nos bairros de *Hohenblick e Romerstadt*, com a racionalização dos métodos construtivos. E em um segundo momento Heep estudou na *École Speciale d'Architecture* com Mallet Stevens em 1928, quando migrou para a França. Nesta época colaborou com André Lurçat, Le Corbusier (no trabalho de canteiro) e Jean Grinsberg de quem foi colega na *École Spéciale* e sócio de 1936 até 1945. É possível verificar que seus projetos refletem as influências de sua formação e os ideais da época, como a industrialização dos elementos desde a estrutura até a caixilharia. No escritório de Pilon, com a chegada de Heep, alguns edifícios foram repensados, dentre eles o edifício Atlanta (1945-1949), o edifício R. Monteiro (1945-1948), o Vicente Filizola (1943-1952), o edifício Salim Farah Maluf (1945-1951), o edifício Santa Mônica (1947-1950), o Basílio Jafet (1946-1950) e o Liga das Senhoras Católicas (1949-1950).

A partir de 1957, com a promulgação de um novo Código de Obras, que estabelecia um coeficiente de aproveitamento para edifícios comerciais e residenciais - menor do que os aplicados até aquele momento - e uma área mínima de 35 m² para apartamentos - a construção de quitinetes é desestimulada, incentivando-se a construção de edifícios de 1 a 3 dormitórios destinados a um público de maior poder aquisitivo (ROSSETTO, 2002). Nessa nova fase, ao contrário da primeira quando predominavam os investidores individuais, os principais investidores e promotores da construção dos edifícios na cidade são empresas imobiliárias, bancos, institutos de previdência e, em menor escala, sociedades particulares⁹. O setor passa a se organizar em moldes empresariais, consolidando a atividade de incorporação, que englobava a promoção, construção e a comercialização de imóveis. O incorporador participava em muitos casos do investimento da compra do terreno e venda dos apartamentos, passando pela elaboração do projeto, por sua aprovação na Prefeitura e construção. Mas existiam diferentes incorporadores atuando na cidade, como aponta a pesquisa de doutorado de Rossela Rosseto (2002) e o trabalho da Maria

Adélia de Souza (1994).

No escritório, Pilon era agenciador e empresário, organizava os projetos na busca por diferentes trabalhos e continuava com as encomendas individuais. Além de Heep, contribuiu para essa segunda fase da obra de Pilon, o arquiteto italiano Gian Carlo Gasperini. Com Gasperini, Pilon realizou os edifícios residenciais Paulicéia e São Carlos do Pinhal (1956) e o edifício de escritórios Barão de Iguape (1956). Nos primeiros desenhos para o edifício Paulicéia, os arquitetos assimilaram as lições de Heep no desenho uniforme das fachadas, definido por caixilhos e venezianas padronizadas, ao mesmo tempo em que características da chamada arquitetura carioca são introduzidas por Gasperini. Abrigando três tipos de apartamentos por andar, o projeto dispensa a dependência de empregada no apartamento de quarto e sala, algo raro nos empreendimentos imobiliários de alto padrão à época, mas já presente nos apartamentos tipo quitinetes, como o edifício Porto Feliz (1941) na praça da República, da primeira fase da obra de Pilon.

Gasperini desenvolveu diversos projetos iniciados por Heep quando trabalhava no escritório de Jacques Pilon, dentre eles, o Edifício do Estado de São Paulo, uma fábrica em Taubaté, um banco francês em São José dos Campos e a Aliança Francesa em São Paulo. O do Banco Moreira Sales foi desenvolvido a partir do projeto da firma americana *Skidmore, Owings and Merrill* (SOM) que empregou nas fachadas a cortina de vidro, marca registrada dos edifícios do gênero inspirados na obra de Mies van der Rohe (1886-1969). Para a realização deste projeto, Moreira Sales pediu a Pilon, para que o arquiteto fosse aos Estados Unidos. Gasperini acaba indo para Nova York trabalhar no projeto no SOM, trazendo modelos de fachadas típico do escritório, mas gostaria de ter realizado o seu projeto, que segundo ele era um projeto carioca¹⁰.

Nessa *segunda fase* é possível concluir que a maioria dos edifícios projetados pelo escritório era residencial e podemos notar a proeminência da arquitetura moderna que se manifestava na relação entre arquitetura e engenharia.

Na terceira e última fase (1958-62) do escritório de Jacques Pilon, o chefe do escritório é o jovem Jerônimo

Bonilha Esteves, que dois meses depois de formado, em 1958, foi trabalhar no escritório do arquiteto francês. Segundo o relato de Bonilha¹¹ o escritório do Pilon se organizava em um esquema enxuto e realizava obras importantíssimas. Pilon era o dono que, de maneira sábia, cultivava as amizades socialmente importantes, arrumava o cliente e conduzia o escritório. Havia uns cinco ou seis desenhistas projetistas, um engenheiro, um contador e uma secretaria. Desta maneira, o escritório fazia o projeto e cuidava da obra, escolhia as construtoras e empreiteiras, fazia orçamentos. Pilon dirigia a obra, contratava empresas especializadas, muitas delas estrangeiras.

Bonilha se tornou chefe do escritório e passou a coordenar o desenvolvimento do projeto e acompanhamento da obra do Banco do Moreira Salles. A maioria dos componentes da obra eram importados, porque aqui não existia ainda na década de 1950, uma indústria da construção civil de fato estruturada. Neste período, as obras mais noticiadas foram: a Sede do Banco Lar Brasileiro (1959), que tinha como referência outro projeto do SOM. Para Paulo Bruna (1988), no projeto Sede do Banco Lar Brasileiro foi retomada a solução de fachada empregada no Barão de Iguape e no Liceu Pasteur, onde se “nota o uso de fortes estruturas de concreto aparente, o uso de cobogós, gárgulas e as cores típicas da arquitetura paulista dos anos 1960” (BRUNA, 1988, p.139). Porém segundo Bonilha¹², “o Liceu (Pasteur) foi feito com uma construtora francesa que trouxe a tecnologia para se fazer concreto aparente, como o Le Corbusier fazia. Foi uma das primeiras obras que utilizou concreto aparente e pintaram, ainda ninguém pintava”.

Durante essa *terceira fase*, o escritório passava por dificuldades em virtude da diminuição sensível das encomendas. A arquitetura moderna paulista passou a ganhar espaço e se começou a questionar a relação da arquitetura com o mercado imobiliário. Como foi apontado, a obra de Pilon em São Paulo, pode ser dividida em três fases, que se definem tanto pelo caráter geral de sua produção, pela contribuição específica de cada um dos seus colaboradores, pela maneira como o mercado imobiliário se estruturava e a relação do escritório com o crescimento de São Paulo. Em cada uma dessas fases, Pilon encontrou em São Paulo um espaço e uma situação para que seu escritório pudesse se estruturar

em moldes empresarias e produzir em larga escala. Dessa forma, o arquiteto contribuiu para a consolidação de uma das faces do processo de metropolização da cidade, a verticalização das áreas centrais, nesse período se destacaram outros arquitetos estrangeiros, entre eles os já citados Herbert Duschenes, Franz Heep e Gian Carlos Gasperini, além de Lucjan Korngold, Francisco Beck e Giancarlo Palanti.

3. A construção da cidade pelo mercado imobiliário a partir de quatro projetos do escritório Jacques Pilon

Os edifícios São Luiz, Goytacaz, Atlanta e Paulicéia parecem sintetizar a produção dos escritórios de Jacques Pilon, as mudanças de sua produção conforme os chefes de escritório e a sua ação no processo de verticalização de São Paulo. Segundo Nadia Somekh (1997) a verticalização que em São Paulo começou nos anos 1920, passou por várias fases¹³. Uma primeira fase mais intensificada outra de constituição do mercado em bases empresarias, ocorrida sobretudo a partir dos anos 1940, acompanhada da incorporação imobiliária, que em uma terceira fase, começaria a ser controlada pelo poder público.

Na primeira fase da verticalização da cidade, houve a promulgação do Código de obras Arthur Saboya, em 1929, que visava assegurar um crescimento racional das edificações (FELDMAN, 2005, p.62). Porém, as principais críticas feitas ao código foram: a falta de um plano coerente de zoneamento, providências inadequadas para a aprovação de plantas e fiscalização da construção, tratamento insuficiente dos problemas de higiene e segurança pública, regulamentação deficiente do loteamento e ausência de qualquer preocupação estética. A partir dos anos 1930 a verticalização se intensificou, acompanhando a transformação do mercado imobiliário estruturado em bases familiares para um mercado imobiliário de bases empresarias. Neste período, o Estado passou a investir em infraestrutura urbana e intervir no setor de edificações mediante às legislações urbanas, caixas econômicas e fundos de financiamentos. Esta fase se consolidou como fase rentista, os edifícios eram construídos para aluguel, na época, a melhor opção de investimento.

A classe média, muito interessada neste processo, passa a se aliar com a burguesia que aplicava os seus lucros na construção de edifícios para aluguel. Segundo Carlos Lemos, essa década foi o tempo de propagação do concreto armado e os edifícios residenciais, passaram a ser aceitos, pois a solução de moradia coletiva era até então altamente rejeitada pelo gosto popular, especialmente pela classe média, que não admitia ‘promiscuidades’ que via nos cortiços da cidade (LEMOS, 1983, p.136).

Durante a década de 1940, a verticalização se expande. As plantas dos edifícios repetem as soluções de casa térreas: corredores, saletas, salas de almoço junto à cozinha, e de jantar junto à de estar, os edifícios reproduzem as plantas dos palacetes. Um bom exemplo dessa solução é o Edifício São Luiz (1939-1942). Ele começou a ser desenvolvido pela PILMAT, e foi concluído pelo Escritório Jacques Pilon. O projeto interessa porque é um exemplar de mudança do estatuto do escritório e das parcerias. O edifício São Luiz era habitado por uma classe média alta, Jacques Pilon morou nele durante alguns anos¹⁴. O cliente Roberto Alves de Almeida, fazendeiro de café e banqueiro (proprietário de outro edifício projetado pelo escritório na Avenida Nova Anhangabaú esquina com a Rua Francisco) teria exigido o desenho eclético e não havia concordado com outra versão mais moderna (BRANCO, 2002).

O edifício, implantado na esquina da rua Ipiranga com a avenida São Luiz, demandava um desenho da fachada de esquina diferenciado em função dos recuos exigidos pela legislação. Pilon optou por arredondar o edifício na esquina para que fosse possível uma circulação facilitada na calçada. A fachada foi muito estudada¹⁵, nas diversas versões podemos verificar desenhos com menos ornamentos, que se aproximam da fachada dos edifícios na rua Marconi, em uma composição mais clássica. Porém, na versão final a fachada o desenho é eclético e se aproxima de certos edifícios franceses. Se analisarmos o programa, edifício residencial, com comércio no térreo, é possível dizer, que o desenho da fachada é marcado pelo uso residencial. Há um coroamento da marquise, que diferencia o uso.

O edifício, em sua implantação final foi desenhado com duas fachadas parciais e duas fachadas cegas para os terrenos vizinhos, a circulação vertical é central por onde se

acessa os apartamentos, no qual a circulação interna horizontal é realizada pelos corredores devido a setorização da planta.

Neste período houve uma mudança de escala na produção imobiliária, que se intensificou e ocorreu em diferentes segmentos do mercado imobiliário. Em 1942, com a Lei do Inquilinato, foi alterado o modo de produção dos edifícios, iniciou-se um processo de produção para venda, surgiu a incorporação, os condomínios, decorrente de um desestímulo à produção rentista. No campo do urbanismo, segundo Sarah Feldman, a prática inovadora se daria nas formas de controle do uso e ocupação do solo, com demarcação de zonas, articulação de índices urbanísticos definidores de funções, recuos, coeficientes de aproveitamento e taxa de ocupação. Entre o final dos anos 1940 e ao longo dos anos 1950 inúmeros decretos são emitidos definindo extensas áreas exclusivamente residenciais e vias destinadas à verticalização.

Avenida 9 de julho, é um exemplo para compreendermos melhor esse período. Essa avenida revela um momento de transformação da cidade, Adriano Augusto Bosetti estudou esse processo e segundo ele, a modernidade na arquitetura encontrou na avenida significativa possibilidade de expressão: “valendo-se cada vez mais dos crescentes avanços na área da indústria da construção civil com o apuro na produção seriada de elementos construtivos pré-fabricados, os arquitetos e engenheiros puderam desenhar edifícios com as mais variadas soluções” (BOSETTI, 2002). O Edifício Goytacaz (1942-44), localizado na avenida Nove de Julho, cujo cliente era Benedito Manhães Barreto, um banqueiro e industrial, também proprietário do Edifício Barão de Ramalho na avenida, é o exemplo desse período. O edifício ainda traz referências mais clássicas na solução do programa, são diferentes tipos de apartamentos, a área molhada está próxima da circulação vertical, separando área de serviço e de estar. Ao mesmo tempo, o projeto da estrutura mostra uma preocupação na liberdade para desenhar os quartos e salas, espaços servidos que por uma questão funcional estão separados dos espaços servidores (cozinha, banheiro e área de serviço). No projeto final, o edifício foi desenhado com três fachadas parciais, uma delas possui uma varanda e na outra as aberturas são para um vazio

interno. Duas fachadas cegas, uma para o lote lateral e a outra para o posterior, a circulação vertical é perimetral interna, por onde se acessa os apartamentos, cujas plantas são organizadas pela setorização dos ambientes. Ao analisar os desenhos no Arquivo da FAUUSP verificamos diversos estudos das fachada e perspectivas desenhadas por Herbert Dushenes que revelam a maneira como o edifício e seus detalhes eram projetados. Parece ter sido projetado para uma classe média, porém com ideais ainda burgueses, as perspectivas internas mostram uma casa francesa, foram feitos vários estudos dos ornamentos, detalhes das escadas, croquis das grades do balcão. O desenho dos porta-leites, é indicado a vivência na cidade ainda provinciana, era um momento de contradições São Paulo se transformava em industrial, porém esses detalhes refletem ainda, uma vida mais provinciana.

Na década de 40 e 50, as companhias de capitalização, caixas econômicas e empresas de seguros investiram em construções de edifícios para as diferentes classes sociais. Em São Paulo, também são construídos os conjuntos pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões, que visavam um barateamento na construção, uma racionalização e verticalização. A verticalização que primeiramente era comercial passa a ser residencial. Surgem novas formas de morar, destinadas à classe média as quitinetes. Segundo Figueroa, [...] ao se pensar o problema e a configuração de uma habitação coletiva não há a figura de um cliente e nem de uma família, portanto nenhuma informação específica ou pessoal de quem irá morar. Há sim, por parte de quem idealiza, seja ele promotor público ou privado, uma noção genérica de quem poderá morar. Portanto, têm-se inevitavelmente um recorte socioeconômico do critério de configuração programática. (FIGUEIROA, 2002, p.227)

No escritório de Jacques Pilon foram construídos alguns edifícios quitinetes, como o Edifício Atlanta (1945-1949), localizado na Praça da República. O prédio era um investimento pessoal de Jacques Pilon. A partir da leitura dos processos é possível especular sobre os usos que o edifício teve e quais foram as modificações necessárias para que o projeto fosse aprovado. Primeiramente em 1945, parece ter sido um edifício comercial, pois nas plantas diziam salas,

possivelmente salas de escritórios; em 1946, tem uma nota dizendo que os sanitários terão ventilação permanente, o que significa exigência da prefeitura e em 1948 temos dormitórios. Esse edifício contou com a colaboração do arquiteto Adolf Franz Heep, que trouxe novidades na forma de projetar. Seus projetos, principalmente em suas inúmeras quitinetes no centro de São Paulo, visavam a satisfação das necessidades mínimas do homem conforme defendido por Gropius e Le Corbusier. A partir de suas experiências na Europa, Heep traz o desenho de elementos construtivos adaptados para São Paulo: a utilização de *brises*, uma racionalização e, se possível, simplificação da estrutura e nas plantas dos apartamentos salas e dormitórios integrados em que se compartilha as atividades sociais e íntimas.

Entre 1945-1949, o edifício passou por diversas alterações promovidas por Heep do projeto original. Na descrição de Barbosa (2002, p.42), as venezianas de correr, em alumínio, protegem e integram a sala ao terraço que se abre para a praça. As jardineiras funcionam como guarda - corpo, dando uma característica peculiar a este prédio, isso se vê no conjunto de edificações de frente para a praça, compondo a fachada juntamente com o edifício Esther de Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho, de 1936. O Edifício Atlanta, se comparado a outros projetos de quitinetes na mesma época, mostra uma enorme qualidade, com uma regularidade na multiplicação das unidades esse edifício além de responder ao aproveitamento dos espaços trazia altas possibilidades de lucro. O desenho da implantação final do edifício é constituído por uma fachada plena para a Praça da República, uma fachada parcial e duas fachadas cegas. A circulação vertical é perimetral interna, por onde se acessa os apartamentos, cuja planta é axial. Na cobertura são destacados quatro andares, onde Heep desloca o volume superior para a lateral, encostando na edificação vizinha, possibilitando aberturas na outra lateral, então a fachada é composta nesse desenho assimétrico.

É possível dizer que o processo de verticalização as legislações tiveram um papel muito mais incentivador do que inibidor, limitava a altura dos edifícios a partir da largura das ruas, mas era flexibilizada se fossem feitos recuos escalonados, como ocorria na legislação americana. No edifício Atlanta, os processos de aprovação do prédio demons-

tram a possibilidade de reinterpretar a legislação. Através da atuação de Pilon, que entra com recurso na prefeitura, o projeto foi aprovado em conjunto com outros dois o Santa Mônica, realizado pelo escritório do arquiteto francês, e o da Bolsa de Imóveis, realizado por Lucjan Korngold. Desse modo, foram exigidos recuos laterais apenas nos edifícios Atlanta e Santa Mônica, constituindo um conjunto integrado dos três edifícios. Além dos prédios residenciais com várias de unidades, que destinam o pavimento térreo para comércio e serviços, os anos 1950 são marcados pelo surgimento de edifícios que agregam múltiplas atividades-cinemas, comércios, restaurantes, escritórios - e incorporam galerias comerciais em ruas internas aos quarteirões (SAMPAIO, 2002). Em 1952, o Código Arthur Saboya foi revisto e um novo foi promulgado, mas as questões permaneceram muito genéricas a respeito dos coeficientes máximos de aproveitamento do terreno e zoneamento, estimulando o surgimento de grandes edifícios, que adensaram a cidade.

O Edifício Paulicéia (1955-56) parece interessante porque é um exemplar da participação do arquiteto Gian Carlo Gasperini e do investimento de um novo tipo de cliente, não mais o cliente particular, mas sim o incorporador, neste caso a Sul América Capitalização S/A. Ao mesmo tempo, no projeto do edifício se ensaia a possibilidade de reunir diversos programas além do residencial, um cinema no subsolo, que não foi implantado. São três possibilidades de apartamento, um, dois e três dormitórios que reúnem diferentes classes econômicas de moradores. Foram feitos diversos estudos para a circulação vertical. Em um outro estudo os dois edifícios são diferentes, um deles é arredondado e uma ponte com circulação vertical conecta os dois. Nos apartamentos também foram feitas especulações, existiam exemplos com as varandas por toda fachada, alguns desenhos mostravam a organização da área molhada e circulação vertical na parte central do apartamento. Em 1952, com a promulgação da lei municipal que regulamentava a construção de banheiros sem ventilação direta, isso acontece nos apartamentos de um e três dormitórios deste edifício. A implantação final inova com dois grandes edifícios paralelos no mesmo lote configurando um grande térreo jardim, uma laje que vence o desnível das duas ruas, São Carlos do Pinhal e a avenida Paulista. O edifício foi dese-

nhado com uma fachada plena e três parciais, cada apartamento possui no mínimo uma fachada plena e uma parcial. A circulação vertical é perimetral interna, por onde se acessa os apartamentos, também existe uma circulação vertical externa que possibilita o acesso às unidades maiores. A planta foi organizada a partir da setorização da área molhada conectada aos quartos a partir da sala.

Se compararmos o edifício Paulicéia com outros edifícios da avenida Paulista como o Conjunto Nacional (1954) do arquiteto David Libeskind, ou Três Marias (1952) e o Nações Unidas (1955-1959) projetados pelo arquiteto Abelardo de Souza, podemos afirmar que na década de 1950 esses edifícios eram grandes empreendimentos inseridos em lotes de grandes dimensões, com diferentes soluções arquitetônicas, porém bem localizados, o que garantia importância para a função terciária (SAMPAIO, 2002). Em relação ao programa há uma variação com comércio, serviços e uma grande área destinada a habitação. No edifício Paulicéia a área destinada para a habitação é majoritária. A solução final parece ser a mais simplificada e eficiente.

4. Considerações finais

A partir do debate sobre a participação do arquiteto nas discussões acerca da arquitetura moderna e a sua atuação no mercado imobiliário que então se estruturava em bases empresariais, é possível concluir que Pilon foi muito importante para a metropolização de São Paulo. Durante sua produção, primeiramente na PILMAT, Pilon investiu numa linguagem mais simplificada próxima do *art deco*, de Perret, e dos alemães, para além da eclética e empregou em larga escala a tecnologia do concreto armado. Em seu escritório particular, a partir das contribuições de Dushenes, Heep, Gasperini e Bonilha, difundiu certos preceitos da arquitetura moderna, como a racionalização compactação e funcionalidade dos ambientes.

Se na PILMAT ele se envolve mais diretamente com a concepção dos projetos, em seu escritório particular Pilon vai se tornando cada vez mais um administrador. Nesse papel, ele soube perceber as mudanças em curso e contratar bons arquitetos mais conectados com a produção con-

temporânea da arquitetura, que tinham alta qualidade e ainda na verticalização da cidade, propunham novas tipologias. O papel de Pilon passa a ser de agenciador e empresário, talvez devido a essa postura de Pilon, os arquitetos colaboradores de seu escritório ganhavam muito espaço para projetar e acabavam sendo reconhecidos como autores dos projetos. Segundo Bonilha, que se tornou chefe de projeto no último período do escritório, Pilon

[...] via a arquitetura como um meio de vida, de construir coisas bonitas e agradáveis para o cliente. Ele tinha uma sensibilidade grande para responder às demandas do momento, sabia contratar bons arquitetos, em geral mais jovens do que ele. Com isso ele foi acompanhando as mudanças na arquitetura e por isso sua obra teve várias fases a depender do parceiro e do período.¹⁶

Porém, Pilon se torna preterido no panorama historiográfico, devido ao seu modo de trabalhar para o mercado imobiliário, sua obra passa a ser pouco investigada e quando analisada sempre com ressalvas, e nunca na totalidade dos projetos, sem considerar as reais contribuições de sua arquitetura para a cidade de São Paulo. Neste trabalho procuramos expor todo seu período de produção, expondo suas obras para serem analisadas como um todo. Desta maneira foi possível construir um outro olhar sobre tal arquiteto.

Referências bibliográficas

ALBA, Lilian Bueno. *1935-1965: trinta anos de edifícios modernos em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

AZEVEDO, Paulo Ormino de. Alexander S. Buddeüs: a passagem do cometa pela Bahia. *Arquitextos*, ano 7, 081.01, fev. 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq081/arq081_01.asp>. Acessado em: jul. 2009.

BARBOSA, Marcelo Consiglio. *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOSETTI, Adriano. A Avenida Nove de Julho como síntese das intervenções urbanísticas na cidade de São Paulo na primeira metade do século 20. In: SAMPAIO, Maria Ruth

Amaral de. *A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964*. São Carlos: RiMa, 2002, p. 77-103.

BRANCO, Ilda Helena Diniz Castello. *Arquitetura no centro da cidade: edifícios de uso coletivo. 1930-1950*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRUNA, Paulo. Catálogo de desenhos de arquitetura da biblioteca da FAU-USP Texto Paulo Bruna. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: VITAE - Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, 1988.

CAMPOS, Candido Malta; SACCHETA, Lúcia Helena Gama (org). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FALBEL, Anat. *Lucjan Korngold: a trajetória de um arquiteto imigrante*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2003.

FARIAS, Agnaldo, *Arquitetura eclipsada: notas sobre a história e arquitetura a propósito da obra de Gregori Warchavchik*, introdutor da arquitetura moderna no Brasil. Dissertação (mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1990.

FELDMAN, Sarah. *Planejamento e zoneamento*. São Paulo: 1947-1972. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2005.

FERRAZ, Geraldo. *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*. São Paulo: Museu de arte de São Paulo, 1965.

FIGUEROA, Mario A. *Habitação coletiva em São Paulo, 1927-1972*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

FUJIOKA, Paulo Yassuhide. *O Edifício Itália e a arquitetura dos edifícios de escritórios em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GOODWIN, Phillip L. *Brazil Builds Architecture new and old 1652-1942*. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna, 1943.

GUARNIERI, Andréa Bocco. *Bernard Rudofsky – a humane designer*. Springer Wien: New York, 2003.

LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. *Warchavchik, Pilon e Rino Levi*. Três momentos da arquitetura paulista. São Paulo: Museu Lasar Segall, 1983.

LIRA, José Tavares Correia. *Fraturas da Vanguarda em Gregori Warchavchik*. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008.

MELLO, Joana. The contribution of foreign architects to the metropolitanization of São Paulo between the 1930s and 1960s. Transfer and Metamorphosis (Anais...), Swiss Federal Institute of Technology Zurich (ETH), Society of Architectural Historians (SAH) e European Architectural History Network (EAHN), 2008.

MINDLIN, Henrique E. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MONNIER, Gérard (org.). *L'architecture moderne en France*. Paris: Picard, 1997.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan, *Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-1945*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

ROSSETO, Rossela. *Produção imobiliária e tipologias residenciais modernas*. São Paulo, 1945-1964. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.) *A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna 1930-1964*. São Carlos: RiMa, 2002.

SANCHES, Aline Coelho. *A obra e a trajetória do arquiteto Giancarlo Palanti – Itália e Brasil*. Dissertação (Mestrado). Instituto de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1999.

SOMEKH, Nádía. *A (des)verticalização de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*.

São Paulo: Studio Nobel; Edusp, 1997.

SOUZA, Maria Adélia. *Identidade da metrópole*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1994.

SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ZUCCONI, Guido (org.). *Daniele Calabi: architettura e progetti 1932-1964*. Venezia: IAUUV; Marsílio, 1992.

Notas

1. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2009).
2. Philip Goodwin produziu um catálogo para a exposição Brazil Builds, publicado pelo MoMA de Nova York em 1943 que apresentou parte da arquitetura brasileira desde o período colonial. Esta exposição junto ao catálogo abriu um caminho para o reconhecimento europeu da arquitetura moderna brasileira (GOODWIN, 1943).
3. As informações foram retiradas do levantamento das obras e catalogação realizado na biblioteca da FAUUSP.
4. Segundo Ilda Castelo Branco (2002), Pilon teria morado em Santos e estudado no curso de Letras. Essa versão, contudo, foi revista em entrevista concedida à Joana Mello e Marina Rosenfeld, por Jean Louis Pilon, filho de Jacques Pilon, em abril de 2009.
5. Atualmente a fachada está em más condições, mas o edifício continua sendo importante, haja visto que abriga a sede da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, em São Paulo.
6. Dos projetos analisados, 284 no total, 77 eram residências unifamiliares, 68 edifícios residenciais, 76 edifícios de escritórios, 15 edifícios industriais, 3 edifícios de lazer, 3 edifícios educacionais, 8 fazendas, 2 religiosos e 32 não identificados. Esses dados foram obtidos a partir dos memoriais de catalogação do Acervo Jacques Pilon da Biblioteca da FAU-USP, organizado por Ilda Castello Branco sob a supervisão de Gian Carlo Gasperini.
7. Entrevista elaborada por Joana Mello e Marina Rosenfeld, e concedida por Ronaldo Dushenes, filho de Herbert Dushenes, a Joana Mello em maio de 2009.
8. Entrevista gravada concedida a Joana Mello por Gian Carlo Gasperini em abril de 2008.
9. Existiram diversos momentos na produção de edifícios verti-

cais e nas negociações imobiliárias. Em um primeiro momento, na década de 1940, predominavam os proprietários privados. As sociedades particulares (formais ou informais) que visavam a construção de edifícios, foram aumentando até atingir 19% de 1958 a 1967. A produção das empresas imobiliárias também aumentou gradualmente, em 1944 era cerca de 13% do total construído e em 1967 passa a ser de 40%, o que mostra uma primazia frente aos proprietários particulares. Conclui-se que a atividade imobiliária foi se tornando empresarial (SOMEKH, 1987; ROSSETTO, 2002).

10. Entrevista realizada com Gian Carlo Gasperini citada anteriormente.

11. Entrevista concedida a autora e Joana Mello por Jerônimo Bonilha Esteves em maio de 2009.

12. Entrevista com Jerônimo Bonilha Esteves citada anteriormente.

13. Ver também a esse respeito Sampaio (2002), Rossetto (2002), e Feldman (2005).

14. Segundo Jean Pilon em entrevista realizada com a professora orientadora Joana Mello.

15. Verificamos diferentes estudos no arquivo da FAUUSP.

16. Entrevista realizada com Jerônimo Bonilha já citada.